

Quando o futebol termina e o jogo continua: o pós-carreira de ex-jogadores residentes na região do Vale do Itajaí/SC

RESUMO

Esta pesquisa trata da questão dos ex-jogadores de futebol, particularmente, à condução de suas carreiras esportivas e a projeção de sua aposentadoria. Epistemologicamente, parte da concepção histórico dialética, entendendo como de suma importância reconstruir os cenários históricos e dialogá-los no seu movimento. Na construção da mesma, entrevistamos sete ex-atletas de futebol na região do Vale do Itajaí, que jogaram futebol profissionalmente por no mínimo dez anos, e que, no momento da pesquisa, já estivessem aposentados no mínimo cinco anos. Quanto a metodologia, trata-se de uma pesquisa de campo, de abordagem qualitativa e do tipo exploratória. Como instrumento de pesquisa, utilizamos a entrevista semiestruturada. Para análise do material qualitativo, utilizamos a Análise Narrativa. As considerações finais nos reportam a perceber as dificuldades encontradas pelos jogadores a conhecer o cenário exploratório ao qual estão imersos, sua condição de trabalhador assalariado, e a projeção de suas vidas pós a carreira esportiva.

PALAVRAS-CHAVE: Esporte; Ex-atletas; Profissional; Mercadoria

Julio Cesar Couto de Souza

Doutor em Educação
Uniavan, Educação Física,
Balneário Camboriú, SC, Brasil
juliocoutodoutorado@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-2484-5633>

Carlos Alberto de Souza Melo

Graduado em Educação Física,
Navegantes, SC, Brasil
Treinador e auxiliar técnico
em clubes de futebol no Brasil.
tecoanalipe@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-1825-0097>

Mariel Eduardo Mees

Graduado em Educação Física,
Itajaí, SC, Brasil
Atua como Analista de Mercado
em clubes de futebol do Brasil
mariel.mees@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0001-2020-2529>

When the football ends and the game continues: the post-career of former players residing in the Itajaí Valley region-SC

ABSTRACT

This research addresses the issue related to former soccer players and their sports careers, as well as the projection of their retirement. Epistemologically, it is part of the historical dialectical conception, emphasizing the importance of reconstructing historical scenarios and engaging in dialogue about them. We interviewed seven former soccer athletes from the Vale do Itajaí region who played professionally for at least ten years. At the time of the research, they had been retired for five years. The methodology employed was exploratory field research with a qualitative approach. The research instrument used was the semi-structured interview. In the analysis, we employed Narrative analysis. The final considerations highlight the difficulties encountered by the players in understanding the exploratory scenario in which they are immersed, their status as employed individuals, and the projection of their lives after their sports career.

KEYWORDS: Sport; Ex-athletes; Professional; Merchandise

Cuando termina el fútbol y el juego continúa: la carrera posterior de los ex-jugadores que residen en la región del Valle de Itajaí-SC

RESUMEN

Esta investigación aborda el tema relacionado con los ex jugadores de fútbol, particularmente la conducta de sus carreras deportivas y la proyección de su retiro. Epistemológicamente, parte de la concepción dialéctica histórica, entendiendo como de suma importancia reconstruir los escenarios históricos y dialogarlos en su movimiento. Entrevistamos siete ex atletas de fútbol de la región de Vale do Itajaí, que jugaron profesionalmente durante al menos diez años y que, en el momento de la investigación, habían estado retirados durante cinco años. En cuanto a la metodología, se utilizó una investigación de campo con un enfoque cualitativo. Cuanto investigación, utilizamos la entrevista semiestructurada. Cuanto análisis de material cualitativo, utilizamos la Analise Narrativa. Las consideraciones finales nos dicen que percibamos las dificultades encontradas por los jugadores para conocer el escenario exploratorio en el que están inmersos, su condición de persona empleada y la proyección de sus vidas después de su carrera deportiva.

PALABRAS-CLAVE: Deporte; Ex-deportistas; Profesional; Mercadería

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho¹ se propõe a preencher, embora não esgotar, uma lacuna importante de discussão quando os sujeitos da pesquisa são os ex-atletas de futebol. Paradoxalmente, a mesma profissão que num determinado cenário conduz estes trabalhadores do esporte como um importante ícone de identificação social, por outro, coloca a maior parte destes trabalhadores sob um ostracismo sepulcral.

A profissão de jogador de futebol no Brasil oscila entre aqueles que estão em grandes clubes de futebol, e que encerram sua carreira num determinado apogeu profissional, e por outro, por aqueles que jogaram em clubes de menor expressão no cenário nacional, e/ou regional. Os primeiros, gozam de boas remunerações e competições importantes a cada ano, os segundos, a sobrevivência da profissão se dá por salários exíguos, competições curtas e de importância secundária ao longo da carreira esportiva, tendo que lidar constantemente com desempregos, atrasos salariais, contratos de trabalho caóticos e exploradores.

Nestas últimas décadas, o futebol tem se apresentado como um terreno fértil para diversas discussões, que o possibilita de ser analisado sob o viés tanto da sociologia do esporte, terreno ao qual nos inserimos, quanto por demais áreas de intervenção e conhecimento, entre elas, a própria Educação Física. As denúncias de corrupções em seus órgãos representativos, (FIFA² e CBF³), as discussões de um calendário esportivo desigual, a precarização da vida econômica e do próprio trabalho de diversos atletas, adubam este vasto terreno de discussão.

Ao compararmos o futebol do início do século XIX no Brasil, com o futebol contemporâneo, parece existir uma continuidade de um processo que se apresenta como *mais-do-mesmo*. Se constantemente repetimos a palavra modernização para falarmos de uma nova roupagem do futebol, precisamos delimitar com precisão, em que momento esta modernização se expressa concretamente. E ainda, em que momento a mesma contribuiu para o processo de formação esportiva do atleta, na sua carreira de profissional, e como egresso do futebol. Nosso trabalho, tem como pano de fundo epistemológico a concepção histórico-dialética, e assim, vê como de suma importância entender os cenários históricos do futebol para além de sua aparência imediata, propondo o diálogo na complexidade de seu movimento histórico.

A *primeira* modernização do futebol no Brasil, - fenômeno que aconteceu também no futebol mundial -, foi a transformação do amadorismo para o profissionalismo. Este acontecimento rompia com certo elitismo existente no futebol brasileiro, fruto de um esporte que trazia em si a marca de

¹ Esta pesquisa, é resultado de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), defendido junto a uma Instituição no Vale do Itajaí. Parte do material, que compõe esta Introdução, e a Abordagem Teórica, aqui refletidos, estão presentes num livro que publicamos ao final de 2022, entretanto, a pesquisa como um todo, está garantida na sua originalidade.

² Fédération Internationale de Football Association

³ Confederação Brasileira de Futebol

uma classe também elitista que aqui existia no início do século vinte. Embora se destaque figuras precursoras do futebol no Brasil, o fato é que este esporte chega pela nova política econômica da época, que abria os portos e o território brasileiro para o capital estrangeiro. O futebol já era um esporte consagrado na Europa, e se tornava um modelo a ser copiado pela classe burguesa deste país (JUNIOR, 2007).

A segunda modernização, acompanha as novas terminologias que assolaram a esfera futebolística no Brasil, os sistemas contemporâneo⁴ de jogo, e os avanços na preparação física e da tecnologia. Porém, a mais significativa modernização acontece na esfera do gerenciamento, da organização administrativa e econômica dos clubes de futebol; a saber, a transformação dos clubes associativos em clubes empresas.

O cenário esportivo brasileiro nas décadas precedentes, era regido por um conselho chamado Conselho Nacional dos Desportes, que era o responsável por organizar o esporte brasileiro, e nele incluía o futebol. As leis federais, por exemplo, a Lei 80.228 de 25 de agosto de 1977, proibia a organização das entidades esportivas que resultassem lucro, bem como a vedação de qualquer remuneração para cargos de direção destas organizações (PERRUCI, 2006). Com isto, o esporte brasileiro e principalmente o futebol, ficou a mercê de administrações amadoras. Isto dificultou um avanço mais exponencial no âmbito de uma gestão esportiva sob a égide de uma administração profissional.

Numa tentativa de mudança de cenário, um dos primeiros passos importantes nesta nova visão do futebol brasileiro, foi a Lei de No. 8.672/93 mais conhecida como Lei Zico, relacionada ao ex-jogador de futebol que então ocupava o cargo principal dentro da Secretaria dos Esportes⁵. Entre vários princípios fundamentais ao futebol brasileiro, o principal estava relacionado conforme Perruci,

A transformação das entidades de prática desportiva em sociedades comerciais, com o escopo de facilitar os investimentos do setor privado no desporto nacional, e as parcerias, além de consagrar, definitivamente, a autonomia financeira e econômica dos clubes (PERRUCI, 2006, P.169).

Uma interessante questão que poderia ser formulada, seria sobre o impacto desta transformação para a carreira futebolística de grande parte dos atletas profissionais. Embora muito se tenha discutido sobre os “benefícios” dos atletas em não estarem mais presos ao clube, - situação da antiga legislação -, a verdade é que este cenário beneficiou apenas parte dos atletas, ou seja, os que compunham os grandes clubes nacionais, aqueles que no mercado futebolístico, estão sempre

⁴ Lembramos que Giulianotti (2002) cita os modelos de sistema de jogo divididos em três períodos: tradicional, moderno e contemporâneo, cada um com características próprias.

⁵ Um órgão ligado ao Presidente da República.

envolvidos em grandes transações. Para os atletas de clubes menores, este cenário não teve o mesmo impacto. A modernização da gestão se constituiu em uma via de mão única.

Acompanhando o desenvolvimento histórico do futebol no Brasil no início do século vinte, até o atual momento, notamos que temos, ainda, a mesma dosagem do mesmo remédio. A indiferença quanto às questões trabalhistas dos jogadores, os parciais cumprimentos de contratos, a exploração máxima da força de trabalho, o controle da vida privada, são situações que sistematicamente se repetem no futebol.

A exploração da classe trabalhadora, não se expressa tão somente no mísero salário que a maioria recebe pela venda de sua força de trabalho, mas da doação de parte importante de sua vida em prol da produção de um espetáculo/mercadoria, tão bem administrado pelos órgãos “competentes”. Nas palavras de Wisnik (2008, p. 43) o futebol serve agora ao totalitarismo do poder econômico, “e presta-se a promover a aceitação conformista do trabalho alienado”.

Os atores sociais de nossa pesquisa, não atingiram enquanto profissionais, o chamado ápice da pirâmide salarial esportiva, que representa atualmente apenas (4%) dos jogadores cujos salários ultrapassam os vinte salários mínimos⁶. Esses jogadores compõem o quadro representativo de uma classe elitista, acumuladora de riquezas na sociedade capitalista. Os demais representam na verdade, a reprodução sistemática de um processo exploratório do trabalho humano, tanto quanto se reproduz em vários outros setores. A relação, proletário *versus* burguês, patrão *versus* empregado, se manifesta no futebol desde o modelo associativo, até o contemporâneo do futebol empresa.

A problemática desta pesquisa centra na questão de como foi projetada a continuidade da vida profissional dos ex-jogadores que jogaram no mínimo dez anos de futebol profissional, residentes na Região do Vale do Itajaí, completando, no momento da pesquisa, o mínimo de cinco anos de ‘aposentadoria’ da vida esportiva. Quanto ao objetivo, buscou investigar como se organizou, ou não, esta etapa de final de carreira esportiva na vida dos ex-atletas. A justificativa, além de pautar-se por um tema relevante para o campo esportivo, pelo impacto social/econômico e psicológico causado na vida destes atletas, observável nas entrevistas realizadas, também se justifica pelos, ainda, escassos diálogos estabelecidos no interior da Educação Física. Por fim, o tema também se justifica, também, por todos os pesquisadores deste trabalho atuarem junto ao futebol profissional, sendo isto, um propulsor/motivador para avançar neste campo investigativo.

⁶ Conforme: <https://www.salario.com.br/profissao/jogador-de-futebol-cbo-377110/>, <https://esporte.ig.com.br/futebol/2019-09-11/metade-dos-jogadores-no-brasil-ganha-so-um-salario-minimo-e-isso-nao-deve-mudar.html> e <https://www.pluriconsultoria.com.br/>

2. Abordagem teórica

2.1. O jogador de futebol entre a mercadoria e força de trabalho

O jogador de futebol é um trabalhador como qualquer outro na esfera da sociedade capitalista, mas, pertencente a um campo específico marcado por uma tensão e contradição que caracteriza o mesmo⁷. Embora, por vezes esta compreensão se dissolva pelos valores salariais que alguns atingem, o fato é que, a grande maioria recebe entre um e cinco salários mínimos⁸, caracterizando seu posicionamento enquanto classe trabalhadora. Porém, como a imensa maioria da classe trabalhadora, apresenta dificuldades de se compreenderem como tal, e atingir o que denominamos de consciência de classe⁹. Deslumbrados por um padrão de vida falsificado em si mesmo, pensam pertencerem a outro espectro de padrão social.

Como trabalhador do esporte, este jogador vende sua força de trabalho e com isto produz mercadoria; esta mercadoria é o espetáculo chamado futebol. O espetáculo transforma-se em mercadoria, tendo em vista a sua apropriação pela indústria cultural¹⁰, e o seu deslocamento da esfera da arte, como um trabalho não alienado, para a esfera mercadológica, como trabalho alienado. Isto, constrói um fetichismo ao jogador, ao fazer pensá-lo que ele é o “senhor” desta produção. O futebol se transforma então numa das maiores mercadorias circulantes no mundo capitalista contemporâneo. O jogador, desde jovem, vende sua força, seu tempo e sua energia na produção desta mercadoria, que terá um valor pela produção da mesma; quanto melhor a qualidade na construção do produto, mais valor. Neste produto, está incluso a sua habilidade, a condição atlética, a capacidade emocional, a idade etc. As divisões de competições, séries, campeonatos, representam muito bem o valor de cada mercadoria.

Porém, ao mesmo tempo, de forma ambígua, este mesmo jogador se transforma em mercadoria. Colocado no mercado com preço estipulado, e com valor de troca, o jogador de futebol é a própria mercadoria de um mercado chamado futebol¹¹. E esta mercadoria precisa ter um determinado valor para sua circulação. Se o valor é a quantidade social de horas nesta produção, o

⁷ Ver Pierre Bourdieu in **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

⁸ <https://www.salario.com.br/profissao/jogador-de-futebol-cbo-377110>/<https://www.salario.com.br/profissao/jogador-de-futebol-cbo-377110/>

⁹ Iasi em sua obra “Processo de consciência” – CPV (Centro de documentação e pesquisa Vergueiro), (1999), - vai dizer que uma das formas de reconhecimento a ideia de pertencimento a uma determinada classe, no caso a classe trabalhadora, é a passagem da “consciência em si”, para a “consciência para si”. Neste cenário que o sujeito troca o “eu” pelo “nós”, o “meu” pelo “nosso”. É o momento que a consciência de classe começa a ganhar sentido.

¹⁰ Ver Adorno & Horkheimer, *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1985.

¹¹ Embora possamos pensar que na esfera produtiva, a mercadoria e sua produção acontece da mesma maneira em todo o segmento produtivo, defendemos, que o futebol é um campo específico. Nesse, o trabalhador não vai ao mercado vender a si próprio como força de trabalho. O jogador de futebol possui agenciadores e toda uma equipe que preparam esta mercadoria, colocando valor nela, e somente a partir disto ele é vendido como tal, inclusive para os concorrentes.

jogador precisará de um investimento em horas para seu preparo; momento em que entram as categorias de formação esportiva dos clubes de futebol. Para Marx (2016, p. 61), “o que determina a grandeza do valor, portanto, é a quantidade de trabalho socialmente necessária ou o tempo de trabalho socialmente necessário para a produção de um valor de uso”.

A mercadoria “é um objeto que tem um duplo valor: valor de uso e valor de troca, que é o valor propriamente dito” (CAFIERO, 2001 p.17). O jogador produz algo que poderíamos dizer que ainda não é a mercadoria futebol, até cair na circulação do mercado, e apresentar-se então como tal. Isto acontece quando o mesmo é vendido por federações e confederações à mídia esportiva, às grandes corporações empresariais, aos grandes patrocinadores, e ganha o caráter de espetacularização. Este trabalhador do esporte, assim como qualquer trabalhador, não reúne as condições de vender este espetáculo/mercadoria, de ser o agenciador deste processo. Cabendo ao jogador/trabalhador somente vender, então, sua força de trabalho. Para Marx,

Ao desaparecer o caráter útil dos produtos do trabalho, também desaparece o caráter útil dos trabalhos neles corporificados; desvanecem-se portanto, as diferentes formas de trabalho concreto, elas não mais se distinguem uma das outras, mas reduzem-se, todas a uma única espécie de trabalho, o trabalho humano abstrato (MARX, 2016, p 60).

Por outro lado, cabe-nos destacar que o jogador de futebol também entra na esfera de produção e se transforma dialeticamente em mercadoria. Ao ser produzido por este mesmo espetáculo que por hora produz, ao ter valor atribuído, ele é a própria mercadoria no mercado do futebol, tendo com isto um preço fixado. Desde uma determinada idade, existe por parte de grandes clubes e clubes considerados formadores de futebol (CFF)¹², um investimento em jovens talentos, construindo paulatinamente na sua formação *valor*, para que, ao chegar no mercado tenha um preço satisfatório com os investimentos feitos. Os treinamentos específicos, a alimentação, os profissionais envolvidos, os cuidados com saúde, juntamente com o tempo de formação investido neste jovem, é o que vai agregar valor a esta mercadoria. Esta dubiedade nos parece ser pertinente apenas ao futebol, pois não encontramos outro local fora do esporte, em que isto possa ocorrer. É neste cenário que se movimenta o jogador de futebol.

2.2. Futebol: Força de Trabalho e Valor

Valor de uma mercadoria diferencia-se daquilo que entendemos por seu preço. O valor se divide em valor de uso (consumo dos bens para própria utilização), e valor de troca, que é a mercadoria utilizada no mercado, com o propósito de adquirir outras mercadorias, como já escrito

¹² Clubes Formadores de Futebol

acima. Para Cafiero (2001), a grandeza do valor está relacionada à grandeza do trabalho, mas não o trabalho individual, mas o trabalho coletivo. Para Marx (2016), é o trabalho humano homogêneo. O valor está expresso na quantidade de horas socialmente necessárias para produzir determinada mercadoria. A grandeza do trabalho está expressa em tempo. O preço passa a ser a expressão monetária deste valor.

Pertencente a um mercado em que as transações se estabelecem, o jogador de futebol apresenta-se primeiramente como mercadoria, com valor agregado, pois necessita de um determinado tempo para sua produção, isto envolve investimento de força de trabalho de terceiros (treinadores, preparadores, fisioterapeutas, assistentes sociais, etc.), que fazem parte desta mesma esfera agregadora de valor. Ao mesmo tempo, pela dupla relação, ou pela dubiedade, o mesmo também coloca sua força de trabalho para gerar valor ao espetáculo futebol, sendo agora ele, produtor desta mercadoria.

Fazendo parte de uma engrenagem que o reifica, não mais sendo, agora sujeito, está então em livre circulação como toda mercadoria, com um valor atrelado e um preço definido. O difícil neste cenário é o mesmo compreender a sua participação nesta engrenagem, tanto como produtor, como mercadoria.

Por estar algumas vezes em clubes maiores, e pertencendo a um grupo economicamente diferenciado, (o grupo dos “trabalhadores de luxo”) (grifo no original), o jogador de futebol não se vê como sendo apenas uma peça geradora de uma grande máquina, pensa que ele é a *própria* (grifo no original) máquina. Aqui, a alienação se apresenta como a incapacidade do mesmo de, não somente não se reconhecer naquilo que produz, mas também de não compreender o cenário ao qual está envolvido (SOUZA; MELO; MEES, 2023, p. 81).

Imerso na dificuldade deste entendimento, o mesmo passa uma boa parte de sua vida profissional sem ter muita preocupação com sua carreira em si, como por exemplo, garantias trabalhistas, garantias de contratos, seguridade social e ou pessoal, e, muito menos, uma projeção de sua vida fora do futebol. Exceção dos jogadores considerados *top* de linha ou de elite, que tem assessores, advogados e uma série de profissionais que administram suas carreiras. Na grande maioria os jogadores assinam um contrato que mal garante seus direitos mínimos.

Como todo trabalhador produtor de mais-valia, e com isto vendedor de sua força de trabalho, o jogador tem suas horas de “lazer” também monitorada pelos proprietários de seus passes; (clubes, federações e empresários), e, por conta disto, submerso numa mais-valia ideológica. Dificilmente o jogador tem em suas férias a possibilidade de fazer outra coisa que não seja pensando na produção para o capital, pois, o modelo capitalista de produção consiste, na produção de mais- valia. “Não se deve esquecer jamais que a produção dessa mais-valia [...] é o fim direto e o motivo determinante da produção capitalista” (MARX, 1996b, p. 242 *apud* SILVA, 2013, p. 152). Como mais valia ideológica, vamos entender o

conceito apresentado por Silva (2013), ao tratar da mais valia explorada do trabalhador nas suas horas de “folga”, ao direcioná-lo a tudo aquilo que deve fazer ou consumir. Não é fora da estrutura social que se examina a ideologia, mas na própria. A mais-valia ideológica expressa por Silva (2013), é uma analogia entre coisas que acontecem no plano material e espiritual (produção da consciência), mas que, para nosso objeto de discussão em questão, viabiliza a reflexão, já que “o regime de produção da vida material condiciona todo o processo da vida social, política e espiritual” (MARX, 1966a, p.6 *apud* SILVA, 2013, p. 150). Ao jogador/trabalhador do esporte, fechará então seu ciclo de produção, quando todas as etapas forem cumpridas, incluindo o direcionamento de suas horas de lazer.

3. Caminho metodológico

Para este trabalho, entrevistamos sete ex-jogadores de futebol, residentes na Região do Vale do Itajaí/SC, que jogaram com carteira assinada por no mínimo dez anos, e que estavam, no momento da pesquisa, com um mínimo de cinco anos com sua carreira esportiva encerrada. Buscamos investigar se, em algum momento como profissionais do futebol, pensaram a projeção de suas vidas ao término desta carreira, e, se, o conhecimento dos amparos legais e direitos trabalhistas foram considerados conhecimentos importantes ao longo de sua profissão. O trabalho se organizou a partir de uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa, do tipo exploratória. Como instrumento de pesquisa, utilizamos a entrevista semiestruturada, contendo 20 questões abertas para os entrevistados responderem, feita de forma presencial entre pesquisadores e entrevistados. Nessas questões, buscou-se primeiramente dados relacionados ao perfil do entrevistado. Posteriormente buscou-se informações a respeito da carreira esportiva destes sujeitos, como clubes em que jogaram, carreira no exterior entre outros. Após, as questões direcionaram-se ao conhecimento da legislação trabalhista/futebolística. E, por último, sobre projeção e encerramento de suas carreiras. A sistematização para as entrevistas ocorreram, num primeiro momento, com os pesquisadores entrando em contato com os sujeitos da pesquisa, estes contatos foram feitos alguns por telefone, outros por Email. Posteriormente, foi cumprido a assinatura do TCLE¹³. As entrevistas ocorreram em ambientes diversos, como na própria casa do entrevistado, na universidade e/ou ambiente de trabalho. As entrevistas foram gravadas e transcritas posteriormente.

Como análise do material qualitativo, utilizamos o método dialético, que, enquanto método, destaca a possibilidade do diálogo, mas também a possibilidade da contradição. É o método que põe em movimento o processo, não paralisando-o, trazendo consigo a estranheza, a crítica e a negação.

¹³ Termo de Livre Consentimento Esclarecido

Sendo assim “a dialética é a forma mesma como a realidade se desenvolve, pois, no universo tudo é movimento e transformação e nada permanece como é” (MINAYO, 2014, p.339).

4. Análise e discussão: dialogando com as fontes

Nossa pesquisa teve como elemento inicial a formação de quatro eixos que balizaram o teor da discussão e da própria entrevista, cabendo, a cada um deles, questões específicas que no aspecto geral construiu a ideia central do trabalho. O primeiro eixo, tratava do perfil dos sujeitos, o segundo, do conhecimento de legislação trabalhista, o terceiro, da projeção da carreira, e o quarto, do encerramento de carreira.

No que tange ao nível de escolaridade, percebeu-se que a maioria dos participantes conseguiu terminar o ensino médio, mas nenhum conseguiu finalizar o ensino superior, o que nos mostra a grande dificuldade que encontra os jogadores de futebol em dar sequência aos seus estudos, fator que fatalmente vai influenciar em sua própria carreira esportiva, e, mais adiante, no encerramento dela. Quanto a questão do início de carreira, de forma hegemônica no futebol, mais da metade iniciou a carreira antes dos 20 anos.

No que se refere aos conhecimentos trabalhistas, mais precisamente no que diz respeito ao registro de carteira de trabalho, os atletas demonstraram dúvidas quanto a importância desta carteira assinada, pelo menos em sua época de atleta. Este fato, é por vezes muito incentivado por dirigentes de clubes, devido aos menores encargos de impostos trabalhistas. Esta “ideia” até é bem aceita pelo atleta, quando vê nesta possibilidade uma forma de ter menos descontos em seu salário mensal. Percebe-se, entretanto que o “peso” desta opção somente é sentido no final de cada contrato, e no encerramento de sua carreira.

Na fala do entrevistado "F"¹⁴, perguntado se todos os clubes assinaram sua carteira, sua resposta foi:

*"Não nem todos, alguns carteira assinada, alguns só contrato mesmo, com certeza me sentia prejudicado mais na época não era instruído sobre os assuntos não tinha conhecimento. Então vários clubes deixei passar, e isso futuramente vai me prejudicar bastante"*¹⁵.

A falta de esclarecimento do trabalhador é uma forma de condução de submissão do capital ao trabalhador assalariado. Deixar os empregados a margem dos conhecimentos de suas garantias

¹⁴ Nossos entrevistados serão representados pelas letras de A à G.

¹⁵ Em todas as falas, mantivemos a originalidade da expressão dos sujeitos.

trabalhistas passa a ser uma estratégia de manutenção da força de trabalho de forma servil, (CAFIERO, 2001).

Nesta esfera, o trabalhador agora é assalariado, vende sua força de trabalho, e o proprietário dessa força de trabalho tem um único propósito: a produção de mais-valia. Quando perguntado se o atleta teve na carreira, todo seu salário registrado em carteira, o entrevistado "D", respondeu:

"Eu me sentia prejudicado até porque você poderia ganhar mais no INSS. Aposentadoria eu acho que isso vem a ajudar no futuro mais o atleta só olha o presente quando deveria olhar lá na frente, mais infelizmente era a forma que o clube trabalhava você até pedia para colocar tudo, mais o clube nunca queria, eles mandavam e se não aceitar contratavam outro."

Fica bem evidente como o atleta se sentia prejudicado e pressionado a aceitar as imposições e condições de trabalho colocadas pelo clube, o que podemos relacionar com o que Marx (2016) vai chamar de "mais valia absoluta", ela ocorre em função do aumento do ritmo de trabalho, da vigilância sobre o processo de produção ou mesmo da ameaça da perda do trabalho, caso determinada meta não seja alcançada, ainda que, em detrimento da saúde e do bem-estar do trabalhador. Se o atleta não aceitar a exigência do clube em acertar parte do seu salário em carteira e outra em forma de contrato, fica sem o emprego. Para Cafiero (2001, p. 55) “na escravidão do proletariado, a burguesia mostra a sua verdadeira cara no regulamento da fábrica. Aqui, não há nenhuma liberdade, nem de fato, nem de direito”.

No que trata da questão sobre a média salarial no decorrer da carreira esportiva, o entrevistado "G", respondeu:

"Difícil pelo seguinte... você começa trabalhando em uma equipe pequena para media e isso tem muito de equipe para equipe você ganha um certo valor e depois você fica na obrigação de querer jogar e como na época era raro o campeonato demorava 3 a 4 meses e você tinha um outro campeonato de outro estado e dependendo era uma equipe menor e o salário também seria menor então era preferido está na ativa com salário mais baixo, mais você está aparecendo está na mídia entendeu, então era relativo você ganhava em uma equipe e em outra você deixava um pouco a menos mais não se teve um padrão um teto assim definitivo".

Fica claro a ideia da “reserva de mercado”. O trabalhador fica refém de um processo chamado de oferta e procura, em que tem necessidade de vender sua única mercadoria (força de trabalho) e a faz, barganhando-a no mercado de trabalho, a fim de não ficar desempregado. Com isto, o mesmo não consegue ter uma ideia geral de quanto em média verdadeiramente recebe na sua profissão, pois, através de altos e baixos relatados pelo entrevistado, esta média se dissolve, deixando o trabalhador sem perceber o valor da sua força de trabalho.

No que se refere ao cumprimento das garantias trabalhistas, o entrevistado "D" responde:

"Não! Os clubes sempre ficam te devendo muito dinheiro, sei de clubes que nem o fundo de garantia depositava, é uma vergonha uma lastima os atletas tem carteira profissional mais os clubes não são profissionais [...]. Pelo menos pegar o seguro desemprego! Futebol é muito diferente de outras profissões se você conseguir ganhar jogos o clube te valoriza se você perde, pior ainda, só te questionam os diretores pensam neles em se promover dentro do futebol. [...]"

Aqui retornamos a questão da modernização e nos perguntamos novamente para quem? Existe na fala do entrevistado, um problema que é de longa data no futebol brasileiro, fruto ainda de um modelo de futebol associativo. Ao final de cada temporada, parte dos clubes propõe o “acerto”, que na verdade nada mais é que uma redução no valor total daquilo que o atleta tem a receber. Sem um controle efetivo, não são poucas as vezes que não há depósito de FGTS¹⁶, nem de multa rescisória, nem sequer a emissão de guias que proporcionaria ao atleta buscar os benefícios.

No que diz respeito à projeção da carreira, foi abordado a condução de carreira do atleta, as dificuldades, e a possibilidade de conseguir aliar futebol com estudos, assim como também a possibilidade de um planejamento de final de carreira. Nele foi possível destacar as dificuldades que os atletas vivem no extracampo, como a distância da família, e a vida “antissocial”. Nestas dificuldades encontramos a fala do entrevistado “B”:

"Eu.. assim... depois hoje a gente está mais maduro e a experiência fala por si só, mas eu acho que o atleta de futebol [...], a gente tinha uma vida muito restrita, eu, como aceitei a palavra profissionalismo, era treinamento, escola, casa. Não tinha uma vida social muito intensa, até reparei quando comecei a ter filhos e comecei a viver na cidade com minha família e você tem que ir aos hospitais, postos de saúde, tem que ir à escola então você tem que ter uma vida pouco mais social e só depois da carreira terminada que você percebe o quanto o atleta de futebol é alienado na questão das pessoas na cidade onde ele vive, o quanto ele é desinformado de como as pessoas vivem e passam dificuldades [...]"

O atleta vivencia de forma íntegra sua profissão. Tem consigo a esperança de render sempre mais, para em algum momento poder também receber mais. Esta estratégia nada original, é utilizada pelo empregador para manter seu empregado sempre com o foco na produtividade. Ao jogador de futebol é cobrado produção e resultado máximo, como sendo a representação da própria máquina na linha de produção do trabalho.

No que diz respeito ao encerramento da carreira, abordamos questões da vida pós-carreira do atleta. O encerramento da carreira, é o pior momento para maioria dos atletas, levando em consideração que, muitos, não projetam esta etapa em suas vidas. Este encerramento vem acompanhado por uma série de dificuldades em que o atleta não está preparado. Dificuldades frente

¹⁶ Fundo de Garantia por Tempo de Serviço.

ao novo mercado de trabalho, problemas financeiros e a incrível saudade dos campos de futebol compõem este mosaico diário na vida dos atletas.

"É difícil. Nós que jogamos futebol é complicado. Como disse, ia chegar uma hora que isso iria acontecer mais a idade foi chegando as contusões durante a carreira foram grandes tenho 3 cirurgias, lesões e fraturas. Com o tempo isso começou a prejudicar já não conseguia treinar de manhã nem a tarde. Chegou uma hora que não tinha mais saco. Em 2006 parei de jogar futebol arrumei um serviço e como te falei é vida que segue" (Entrevistado "D").

Destaca-se também as lesões que o atleta sofre durante a carreira e que vai definir muitas vezes o término antecipado. A resposta do entrevistado também levanta esta possibilidade da surpresa que é a profissão. O jogador não sabe ao certo como será sua carreira até o final, se ela acontecerá de forma "natural", ou, se vai ser bruscamente interrompida por uma lesão grave. Reificados, os jogadores, assim como qualquer trabalhador, são simplesmente substituíveis por outros, e por vezes, até esquecidos.

No que se refere a questão de um planejamento metódico ao término do futebol, o entrevistado "B", respondeu:

"Não houve, foi circunstancial mesmo. Questão de idade que chegou, críticas que você começa a receber até pela cultura do nosso país que o atleta depois dos 30 anos já está velho. Então você escuta essas coisas e até fica magoado, então isso te machuca. Daí pra mim deu, não quero mais, aí acabei encerrando minha carreira."

No futebol, devido às extremas exigências físicas, devido aos jogos e campeonatos em sequência, os atletas depois dos 30 anos enfrentam algumas barreiras, mesmo com o avanço científico que experimentamos nas ciências do esporte. Algumas equipes relutam em contratar jogadores com idade superior a 30 anos. Levando em consideração que o atleta vende sua força de trabalho para o clube, e, a mesma, ao não corresponder ao exigido, conseqüentemente perde seu valor perante o mercado.

Quando questionado se algum clube em algum momento de sua carreira discutiu sobre sua vida pós-carreira desportiva, o entrevistado "B", respondeu:

"Não. Ninguém nunca fez isso. [...] não é feito nenhum planejamento para o atleta, ele para, e eu senti na pele parei com 39 anos de idade, então você termina um ciclo e começa outro ciclo de uma vida social que você não tem preparo de mão de obra, preparo acadêmico, preparo escolar, desculpa a expressão mais a gente não sabe fazer quase nada [...]".

Por se dedicar boa parte de sua vida ao futebol, o jogador não está preparado para enfrentá-la após o término da carreira. A aposentadoria, pode gerar uma situação de estresse e uma mudança de personalidade do atleta. Muitos atletas, acreditando num "cenário eterno", dedicam-se anos de preparação, alienando-se do pensamento de uma nova atividade quando a carreira encerrar. Assim, a

maioria dos jogadores, no desfrute dos "benefícios" da carreira, não estão preocupados com o seu encerramento, ou seja, com readaptação social, que é dificultada pela abstração que estes se submetem quando ainda estão atuando.

Quando perguntado se ao término da carreira o jogador já sabia o que fazer, o entrevistado "E", respondeu:

"Não. Na verdade, não. Queria continuar no esporte mais (sic) devido a não escolaridade ficou difícil, hoje trabalho em uma escolinha de futebol".

Vale ressaltar aqui, que ao término da carreira, o atleta geralmente não tem outra profissão que saiba fazer fora do esporte, até porque a quantidade de horas semanais disponibilizadas para treinos em jogos não deixam nenhuma possibilidade de o jogador pensar em outro tipo de qualificação. E assim, a grande maioria permanece no meio esportivo. Fica evidente que, os atletas lidam melhor com o período de transição de suas carreiras quando continuam envolvidos com o ambiente esportivo, cenário que necessita ser construído com formação continuada e cursos de aperfeiçoamentos, principalmente pelos órgãos gestores do futebol.

5. Considerações Finais

Procuramos nesta pesquisa ouvir os ex-jogadores de futebol de uma parte da Região do Vale do Itajaí. Destacamos a continuidade histórica do futebol no Brasil, em reproduzir *mais do mesmo*, o que inclui exploração da profissão, preconceitos raciais, imbróglis trabalhistas e garantias legais.

Em muitas respostas dos ex-jogadores, percebeu-se que, mesmo jovens, os atletas são preparados para vender sua força de trabalho produzindo a mercadoria futebol, e ser ao mesmo tempo, a própria mercadoria, deixando evidente a sua alienação em relação aquilo que produz. Os grandes salários da minoria que definimos ao longo do trabalho como "operários de luxo", serve de terreno fértil para a construção do sonho de uma gama de jovens que deixam suas casas, suas famílias e seus estudos a fim de se submeterem a uma rotina desgastante, cujo final do processo é uma incógnita.

Ao longo das entrevistas nos chamou atenção ao que denominamos de "despertar de consciência", sendo que, ao final, praticamente todos atletas compreenderam o processo ao qual estavam submetidos. Nisto inclui a exploração dos clubes e das entidades que administram o futebol, a maneira conduzida deste processo, e todas as renúncias que praticaram ao longo de suas carreiras. Todos expuseram que gostariam de ser jogador de futebol novamente, caso tivessem a oportunidade, mas, saberiam conduzir melhor suas carreiras e projetar este término de uma melhor forma possível.

Por fim, acreditamos que este trabalho, pelo teor do problema levantado, possa em algum outro momento ser ampliado e complementado, dada a relevância do tema, e as ainda escassas pesquisas produzidas, pelo menos em nossa região.

REFERÊNCIAS:

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. 223 p. Tradução: Guido Antônio de Almeida.

BOURDIEU, Pierre. **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2018. 393 p. Tradução: Fabio Ribeiro.

CAFIERO, Carlo. **Compêndio de "O Capital"**. São Paulo: Centauro, 2001. 111 p. Tradução: Marcelo M. Bonarotti.

CASTRO, Ruy. **Estrela Solitária - Um brasileiro chamado GARRINCHA**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 520 p.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 433 p.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002. 248 p. Tradução: Wanda Nogueira Caldeira Brant e Marcelo de Oliveira Nunes.

IASI, Mauro. **Processo de consciência**. São Paulo: CPV - Centro de Documentação e Pesquisa Vergueiro, 1999. 78 p.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. 34. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. (Volume I - O processo de produção do Capital). Tradução: Reginaldo Sant'Anna.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014. 407 p.

NEVES, Marcos Eduardo. **Nunca houve um homem como Heleno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. 360 p.

PERRUCI, Felipe Falcone. **Clube empresa: o modelo brasileiro para a transformação dos clubes de futebol em sociedades empresariais**. 2006. 288 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Direito, Ciências Jurídicas, Faculdade Milton Campos, Nova Lima, 2016.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **A Metamorfose do Futebol**. Campinas: Unicamp - Ie, 2000. 272 p.

SILVA, Ludovico. **A mais-valia ideológica**. Florianópolis: Insular, 2013. 208 p. (Coleção Pátria Grande). Tradução: Maria Ceci Araújo Misoczky.

SOUZA, Julio Cesar Couto de.; MELO, Carlos Alberto de Souza.; MEES, Mariel Eduardo. **O Processo de Formação Esportiva em Clubes de Futebol**. Florianópolis: Insular, 2022. 250 p.

WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio**: o futebol e o brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 446 p.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que, de maneira direta ou indireta fizeram parte desta pesquisa.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Não se aplica

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade do Vale do Itajaí, parecer número 1.620.546, de 2016/2.

CONFLITO DE INTERESSES

A autoria entende não haver conflito de interesses.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência** - ISSN 2175-8042 os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Bianca Poffo

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Maria Vitória Duarte

HISTÓRICO

Recebido em: 11.04.2024

Aprovado em: 20.06.2024